

ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA — ESTUDOS DE CASO DA IMPRENSA BRASILEIRA¹

Copyright © 2010
SBPJor / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

ISABEL TRAVANCAS
ECO/Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O objetivo neste artigo é discutir a produção da notícia a partir de etnografias realizadas nas redações brasileiras. Os jornalistas têm rotinas próprias determinadas pelo processo de apuração, redação e divulgação das informações. Pensar em como se constrói a notícia e quais são seus critérios, parece uma discussão importante num momento de profundas transformações no jornalismo. Neste texto analisam-se um grande jornal impresso – *O Globo* – e o telejornal *Jornal Nacional*, visando perceber as semelhanças entre as práticas profissionais dessas duas mídias, assim como as diferenças entre elas. A televisão tem uma estrutura e um funcionamento muito próprio, com um ritmo ainda mais intenso do que os jornais e uma relação intrínseca com a imagem.

Palavras-chave: Jornalismo. Rotina. Etnografia. Jornalista. Notícia.

INTRODUÇÃO

Meu objetivo com este artigo é discutir a produção da notícia a partir de etnografias realizadas nas redações brasileiras. Os jornalistas têm rotinas próprias que são determinadas pelo processo de apuração, redação e divulgação das informações. Pensar em como se constrói a notícia, quais são seus critérios, como são definidos e em que medida eles são cumpridos ou não, me parece uma discussão importante num momento de profundas transformações no jornalismo com a entrada em cena das mídias digitais.

O Brasil possui a quinta maior televisão do mundo – **TV Globo** – e este é o único veículo de comunicação presente em todo o território nacional. A imprensa escrita – jornais e revistas – não chega nem perto da penetração dos telejornais, numa sociedade onde a leitura não é um hábito para a grande maioria da população. Este trabalho é fruto de duas pesquisas etnográficas realizadas em duas décadas distintas

nas redações de dois veículos impressos e em uma redação televisiva. Naquelas ocasiões acompanhei diversos jornalistas brasileiros em suas jornadas de trabalho, discutindo suas reportagens, sua profissão e sua relação com o trabalho.

Neste texto procuro analisar as rotinas dos profissionais de um grande jornal – *O Globo* - e do telejornal de maior audiência do país – *Jornal Nacional*. *O Globo* é o maior jornal do Rio de Janeiro, um dos mais influentes e de maior tiragem do país e faz parte do grupo de comunicação **Rede Globo**, o mesmo que mantém a **TV Globo**, onde vai ao ar o *Jornal Nacional*, desde 1969. Trata-se do jornal das oito horas da noite da mais importante rede de televisão do país, carro-chefe de sua programação juntamente com as novelas. Estima-se que o *Jornal Nacional* tenha hoje uma audiência de cerca de 30 milhões de telespectadores durante os seus 45 minutos de duração; é, portanto, um dos programas de maior audiência da televisão brasileira.

Um dos pontos a ressaltar é como, mesmo com quase dez anos de separação entre a pesquisa com profissionais de jornais e revistas e a desenvolvida na redação de uma televisão, ficou evidente o quanto a relação dos jornalistas brasileiros com sua profissão continua muito intensa, influenciando na criação de um estilo de vida e de uma visão de mundo particulares. Visão de mundo e estilo de vida que interferem na seleção e elaboração das notícias.

O jornalista

O jornalista é antes de tudo um habitante da cidade. O mundo urbano tem características e particularidades que combinam e se misturam no jornalismo. Quando G. Simmel (1979) cita como características dos indivíduos da cidade a superficialidade, o anonimato, as relações transitórias, a sofisticação e a racionalidade, é difícil não associá-las ao jornalista. Não que elas sejam exclusivas desta carreira, mas nela se expressam com intensidade. A cidade, mais intensamente a metrópole, como afirma Simmel, determina um novo modo de vida, novas relações sociais e ampliação das ocupações resultantes do desenvolvimento técnico associado ao transporte e à comunicação.

E se a cidade é o espaço da diversidade, do cruzamento de mundos e “tribos” diferentes, o jornalista vivencia com mais intensidade este fato em seu cotidiano. Transitar por distintas esferas da metrópole, desvendando territórios heterogêneos e construindo um mapa, para muitos habitantes desconhecido, é uma das funções do repórter - figura paradigmática do jornalismo – que, com as suas tarefas de apuração dos

fatos e redação da notícia, se torna uma espécie de cidadão do mundo.

É possível pensar também o jornalista como um profissional que está incluído na categoria de mediador. Entendo aqui mediação como um fenômeno sociocultural que produz e possibilita, a partir da interação entre os indivíduos, a troca e a comunicação (VELHO, 2001, p. 9). Jornalistas estão o tempo todo vivenciando em suas práticas profissionais o papel de mediadores. A vida em sociedade se dá através das diferenças, e estes profissionais estão intermediando relações entre diversos grupos e categorias sociais. Eles podem ser vistos como elos entre distintos universos de significação.

Ao estudar um grupo de jornalistas brasileiros (TRAVANCAS, 1993, p. 102) pude constatar que, se por um lado a profissão – *ser jornalista* – sintetiza as características do indivíduo, resultando em uma totalização do mesmo sob o prisma de sua identidade, por outro percebe-se que há uma tensão entre este papel totalizante e outros papéis ligados, como por exemplo, as relações de parentesco e família. Acredito que é possível falar de uma *identidade de jornalista* que se constrói apesar ou sobre esta tensão. Ou seja, esta identidade não é exclusivista ou determinante; ela é síntese de uma série de papéis desempenhados por um indivíduo, com funções diversas.

Portanto, a construção da identidade do jornalista se realiza dentro de um contexto em que diversas áreas da vida social se misturam e se confundem. Suas experiências e vivências apresentam ambiguidades e contradições. Não se pode pensar em identidade levando em conta apenas trajetórias e projetos conscientes e lineares. A própria vivência profissional é uma fonte de convivência e contato com essa complexidade.

As noções de prestígio e ascensão social, bastante relacionadas entre si, também ajudam a compor o quadro da construção da identidade do jornalista. Através das etnografias e entrevistas ficou claro que a carreira de jornalista poderá significar, em alguns casos, um instrumento de ascensão social e obtenção de prestígio. Obviamente, os dois aspectos terão dimensões variadas de acordo com cada indivíduo. Para um jornalista oriundo de uma classe alta, com um sobrenome de prestígio social e sem dificuldades financeiras, a carreira não será uma chance de conquista de *status*, porque ele já o tinha anteriormente. Ela poderá, no entanto, legitimá-lo ou reforçá-lo. Entretanto, para um indivíduo em outras condições, ela será um importante instrumento para ascensão na sociedade. O que quero deixar claro é que essa chance de mudança social, ainda que escassa em termos quantitativos, é um

fator de motivação e influência na escolha da profissão, mesmo que não apareça explicitamente nos discursos dos entrevistados.

Refletindo sobre o papel do jornalista, saliento que ele tem uma função importante em termos de construção da cidadania, uma vez que é responsável pela transmissão de informações, e a ideia de cidadania está subordinada à informação. Não há cidadão sem conhecimento; é este que torna o indivíduo um cidadão, na medida em que as informações lhe possibilitam escolhas, avaliações e participações na sociedade. Sem isso sua atuação ficaria restrita ou seria inexistente.

N. Canclini (1999, p. 89) lança mão da noção de cidadania para relacioná-la com a categoria de consumidor. A seu ver, alguns requisitos são fundamentais neste processo tais como: “oferta vasta e diversificada de bens e mensagens representativos da variedade internacional dos mercados: informação multidirecional e confiável a respeito da qualidade dos produtos e participação democrática dos principais setores da sociedade civil nas decisões de ordem material, simbólica, jurídica e política em que se organizam os consumos”. Para Canclini é através de ações políticas como estas que os consumidores poderão ascender à condição de cidadão, o que exige uma concepção de mercado não como simples lugar de troca de mercadorias, mas como parte de interações socioculturais mais complexas. Assim o jornalista terá um duplo papel. A conquista da sua cidadania se dá pela atuação profissional como produtor de informações e também como consumidor da própria indústria cultural. Muitos entrevistados afirmam que um dos fatores que os levou a escolher esta profissão é o seu poder de transformação da sociedade, de denúncia e de crítica.

Em uma pesquisa sobre suplementos literários no Brasil e na França (TRAVANCAS, 2001), defendi a ideia de que o jornalista pode ser definido como um intelectual, categoria complexa e que abarca um número vasto de ocupações. Para compreender o significado da noção de intelectual e quais os seus espaços de ação política e de ação simbólica, é preciso explorá-la em função das transformações globais das sociedades, dos campos intelectuais e da concorrência com outras formas de ação política. Ou seja, é fundamental se levar em conta o contexto, assim como a tradição intelectual de cada país estudado. Em sociedades liberais, os intelectuais têm uma dimensão diferente daquela dos intelectuais de países não democráticos. Para a França, assim como para a grande maioria das sociedades europeias, a categoria intelectual enquanto entidade autônoma e carregada de capital simbólico e político e não apenas como atividade que se coloca em oposição à atividade

manual, se constitui com o “*affaire Dreyfus*”. Para o historiador C. Charle (1990) esta categoria nasceu com a polêmica e o julgamento do capitão Dreyfus em 1890, cujo ápice foi a publicação no jornal *L`Aurore* do texto “*J´accuse*”, de Emile Zola, de apoio ao capitão e contra a sua condenação. O conceito designava uma camada política e culturalmente progressista que desafiava o Estado. Depois de todo o processo, o termo não desapareceu e passou a identificar um grupo que se definia por uma visão particular do mundo social, baseada em valores universais.

Em sociedades liberais, os intelectuais têm um peso diferente do peso daqueles em países dominados, assim como em países onde o analfabetismo não foi abolido a situação dos intelectuais é diversa daquela em nações culturalmente mais “avançadas”.

Para Gramsci (1978, p. 7),

todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais. Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*.

Não por acaso Gramsci se refere ao literato, ao filósofo e ao artista como tipos tradicionalmente vulgarizados do intelectual. E a seu ver, os jornalistas, por se incluírem nas três ocupações, se julgam os “verdadeiros” intelectuais. Outro ponto a salientar, ainda dentro da perspectiva de Gramsci, é o fato de ele afirmar que na realidade não há um critério de distinção entre intelectuais e não intelectuais e que esta distinção não viria da atividade propriamente dita, mas estaria no “conjunto do sistema de relações no qual estas atividades se encontram, no conjunto geral das relações sociais” (1978, p. 7). Este aspecto leva à questão da identidade deste grupo. Não é o fato de escreverem em jornal ou trabalharem em televisão que vai estabelecer o laço de união entre eles, mas terem uma *visão de mundo* particular e um *ethos* específico.

Um dia de repórter

A primeira pesquisa apresentada neste artigo foi realizada nos anos 1990 e concentrou seu foco nos jornalistas da imprensa da cidade do Rio de Janeiro. Entrevistei ao longo de dois anos, cerca de 50 jornalistas para entender suas práticas profissionais e sua relação com a carreira. Além de fazer uma etnografia da redação, também acompanhei durante um dia inteiro três profissionais de veículos distintos. Um deles foi uma repórter do jornal *O Globo*. Estive com ela do momento de sua chegada à redação, passando pela saída para a apuração das matérias e volta para

a redação para escrevê-las até a ida para casa. É essa experiência que descrevo a seguir.

Gostaria de salientar que embora essa pesquisa tenha sido elaborada há duas décadas, acredito que muitos elementos, tanto da prática profissional quanto da intensidade da relação dos jornalistas com a profissão, permanecem. Nesta etapa o foco é o repórter e suas rotinas.

Ainda que sejam pesquisas realizadas com um grande intervalo de tempo e com focos distintos - na primeira o personagem principal eram os repórteres, embora não exclusivamente; na segunda o protagonista da análise é o editor-geral - penso que podem ajudar na reflexão sobre as permanências na prática jornalística em dois momentos distintos, em veículos diferentes.

A outra pesquisa foi feita em 2003 e 2004 e se restringiu ao telejornal *Jornal Nacional*, sua equipe e sua produção. Durante um dia inteiro acompanhei a elaboração do jornal desde suas reuniões com as equipes externas e internas, a seleção de matérias até a edição final poucos momentos antes de ir ao ar. Ela será discutida na terceira parte deste texto.

Vou para o jornal pensando na declaração do jornalista Ricardo Kotscho (1986: p. 22): “Repórter só deve ser repórter se isso for irreversível, se não houver outro jeito de ganhar a vida, se alguma força maior o empurra para isso”. Quando chego à redação está vazia e silenciosa. A repórter que combinei acompanhar entra correndo, cumprimenta-me rapidamente e vai falar com o pauteiro. Ele está terminando a pauta para aquele dia e ela dá palpites. Ainda não há nada marcado para ela. O chefe de reportagem ainda não chegou. Ela dá uma olhada nos jornais do dia, faz comentários sobre sua matéria da véspera, pergunta sobre a pesquisa. Minha informante é repórter da editoria de Geral, tem 25 anos, trabalha há quatro, sendo três neste jornal. É solteira, não tem filhos, mora em Niterói com a família.

Passados uns quarenta minutos, tempo em que vão chegando outros repórteres, ela abre o terminal em busca de possíveis recados e da pauta. O computador, como se percebe nesta passagem, é um elemento incorporado à vida da repórter, que não demonstra dificuldade em utilizá-lo. Como salientam vários jornalistas, ele é considerado pela geração mais jovem “a maior maravilha do mundo”, à qual a maioria se adaptou rapidamente, usando com desenvoltura seus recursos de arquivo, envio de mensagens, alterações no texto etc. O terminal indica-lhe uma matéria sobre o Departamento de Trânsito, mas só às 11 horas. Enquanto isso, terá de esperar, tempo que ela aproveita para pedir ao Departamento de Pesquisa material

sobre o assunto, a fim de adiantar a apuração.

O tempo passa devagar para ela nesse dia. Ainda são 10 horas e não surgiu nenhum fato novo. Reclama que fica louca para sair para a rua, que é um tédio ficar esperando, e lembra que nunca aconteceu ficar sem sair. Chega a pesquisa, ela dá uma lida no material e faz algumas anotações. Uma colega pede informações sobre um assunto que ela cobriu há poucos dias. A repórter aproveita para falar sobre o relacionamento social com os companheiros de redação dentro e fora do jornal. A seu ver, varia muito de editoria para editoria; em geral, eles se comunicam melhor nos fins de semana, quando há menos gente na redação e o clima é mais descontraído. Mas há muita competição, principalmente quando entra alguém novo. Com os colegas dos outros jornais, as relações no dia a dia são boas. Eles passam as informações uns aos outros, o que, em sua opinião, é fundamental.

Essa imagem de uma cadeia de solidariedade pode surpreender os leitores, que muitas vezes imaginam os repórteres sempre ávidos pelo “furo”, alguns egoístas e inescrupulosos, ansiosos por se destacarem em seu meio profissional. Ao observar a prática, verifica-se que as coisas não acontecem exatamente assim. Em cada um existe o desejo de ter sua matéria na primeira página, mas da mesma forma há um acordo preestabelecido de divulgação das informações entre a classe. Um furo não é passado para um colega, mas ele não acontece todo dia. Esse tipo de atitude, que faz parte do código da profissão, é compreendido por todos e seguido por muitos.

Para minha informante, o jornalista tem uma imagem muito glamourosa; costuma andar bem vestido, está nos lugares certos na hora certa. “Uma imagem que a meu ver está mais ligada à televisão, e não à realidade.” Entretanto, salienta que não se decepcionou com o trabalho de jeito nenhum, mas se sente frustrada em relação ao jornal, e não à profissão. O órgão em que trabalha a faz sentir-se muito tolhida.

São 11 horas. Hora de sair para a apuração. Ela avisa o chefe que está saindo, informa que irei junto, chama o fotógrafo, e descemos. No térreo, fala com o motorista e entramos no carro. O ambiente é tranquilo, ela conversa com o motorista sobre o endereço. O que pude notar ao acompanhar estes repórteres é que, em geral, a relação com os outros membros da equipe, no caso motorista e fotógrafo, nem sempre é tranquila. Ao contrário, na maioria das vezes revela-se conflituosa, pela própria tensão do trabalho, garantem alguns. Em certos casos, o fotógrafo reclama de o repórter querer apurar informações demais, ou este tenta acelerar o fotógrafo por achar que está sendo muito lento; em

outros, o motorista não sabe o caminho. E, como afirma um jornalista, “é preciso fazer um esforço muito grande para não brigar, porque dependemos todos uns dos outros”. O fotógrafo vai na frente, ao lado do motorista, o que segundo ela é norma de jornalismo: se houver qualquer evento no caminho ele é o primeiro a sair e fotografar. Ela então comenta com o fotógrafo sobre a matéria, diz que a acha fraca. “Não deve render muita coisa”, em sua opinião. Assim que chegar irá entrevistar o diretor do Detran. Mas antes resolvem fazer o trajeto onde foram introduzidas mudanças no trânsito.

Na entrada do Detran, a repórter encontra vários colegas, que a cumprimentam e lhe contam que o diretor está atrasado, outros, que não é grande coisa a matéria em questão. Consideram-na uma matéria “fria”, sem grandes atrativos para o repórter. Reportagens importantes são os acontecimentos imprevistos e de grande porte, que têm mais chance de ir para página ímpar ou de dar uma primeira página.

Após um aviso, inicia-se a entrevista na sala do diretor. Durante a entrevista, muitos deles fazem perguntas, quase todos anotam. Às vezes, os repórteres de rádio e os de televisão – só há uma emissora presente nesta ocasião – parecem não acompanhar de fato o acontecimento, como se o gravador ou a câmera estivessem trabalhando por eles. Terminada a entrevista, a televisão se retira rapidamente, em seguida o pessoal de rádio faz o mesmo, e alguns repórteres de jornal ficam ainda na sala obtendo mais detalhes com o diretor. Na saída, conversam sobre o assunto, trocam opiniões sobre o que vão colocar na matéria e como começá-la. Alguns vão embora, outros ficam. Nós saímos, acompanhando o diretor para ver de perto as ruas em que o trânsito vai mudar.

No caminho, repórter e fotógrafo conversam sobre a reportagem e se interrogam sobre a possibilidade de as mudanças trazerem melhorias ao trânsito. Chegando ao local marcado, esperam o diretor; a repórter conversa sozinha com ele e em seguida chegam outros repórteres. Pedem informações a ela, que as dá sem problemas. Enquanto isso o fotógrafo faz a sua parte. Acabadas as fotos, voltamos para a redação. Ambos reclamam da fome e comentam ironicamente sobre os “prazeres” da profissão, dentre eles não ter hora certa para comer, muito menos lugar. São 14 horas.

Na redação, a jornalista fala com o chefe de reportagem, informando-o sobre a matéria. Depois de receber algumas orientações, ela avisa que vai almoçar. Procura os colegas para saber quem ainda não almoçou. A maioria já comeu, mas um colega está acabando um

texto e pede-lhe que o espere.

Os jornalistas prosseguem falando sobre as relações com os colegas e a competição entre eles. Tal competição existe e para muitos é acentuada em função do estilo de carreira, em que não há plano fixo, sequer quanto à ascensão por tempo de serviço. Mas não é isso que conta. Ao lado da competência, há que fazer parte de um grupo ou ser o “escolhido” de algum chefe, para aí “ser puxado”. E destacam que, na maioria dos casos, o crescimento profissional está associado a relações pessoais de amizade e simpatia. Para ser um dos “favoritos” é preciso ser “furão”, conseguir chamar a atenção do chefe e conquistá-lo.

Terminado o almoço, voltam para a redação para escrever a matéria. Para muitos, é a chamada “hora da angústia”: tentar organizar as anotações, pensar no que é mais importante, selecionar os principais dados e fazer um bom *lead*, ao mesmo tempo informativo e criativo. Um momento de nervosismo. Ela verifica suas informações, lê novamente o material da pesquisa. Começa a escrever, apaga, escreve de novo, muda algumas coisas, e a matéria começa a tomar forma no terminal. Grita para um colega pedindo o nome da rua em que esteve, pois esqueceu de anotar. O fotógrafo manda os contatos das fotos. Ela seleciona uma e informa na matéria o nome do fotógrafo. Por volta das 16 horas termina sua tarefa. Relê a matéria no visor e a “envia” para o sistema, onde ficará arquivada. Lá o redator faz a revisão e as mudanças que julgar necessárias. Aqui termina a jornada de trabalho da repórter. Despede-se dos colegas e vai acabar seu dia lendo jornal e vendo na televisão as reportagens do momento.

Um dia na redação do JN

Cheguei na sede da **TV Globo** às 10 horas da manhã. O editor-chefe William Bonner explica que a primeira reunião do dia é chamada de “caixa” por ser realizada por telefone com os editores de outras praças do Brasil, como São Paulo, Brasília e Belo Horizonte, e com os jornalistas de Londres e Nova Iorque. Ainda não há muita gente na sala e ele me apresenta aos jornalistas que já chegaram. Sou identificada como a “professora” que vai acompanhar a feitura do jornal durante aquele dia. Bonner disse que aquele seria um dia pesado, pois havia muitas coisas acontecendo e era preciso selecioná-las bem. Entram os editores e um jornalista da produção. Começa a reunião.

Um dos pontos de partida para estrutura do telejornal é a definição do seu tempo de duração, que é flexível. O *JN* tem entre 30 e 35 minutos e 4 *breaks* (intervalos) fixos. O tempo é estabelecido

pela direção de programação e ao longo da jornada será rediscutido e renegociado pelo editor-chefe em função das matérias previstas. Seu objetivo é conseguir o maior tempo possível.

A reunião é bastante descontraída, com brincadeiras, reclamações e piadas durante o período de uma hora em que ela acontece. Todos recebem uma pauta com as matérias previstas para aquele dia. Um dos temas principais da reunião é o Haiti. Bonner fala que a tomada da capital não deve passar daquele dia. E certamente deve entrar no jornal. O líder da Seita Verdade Suprema foi condenado à morte também neste dia. Ele foi o responsável pelo ataque com gás sarin no metrô de Tóquio em 1995. Bonner diz que pedirá à sucursal de Nova Iorque para fazer a matéria. Aceita a oferta, feita pelo representante de Londres, da reportagem sobre o inverno na Europa que está provocando o caos em vários países. Outro tema importante na reunião é a cobertura do governo Lula. O editor-chefe diz que fez uma avaliação da edição da véspera e achou que o jornal tinha sido muito “duro” com o governo. E que hoje fariam uma matéria de agenda “positiva” sobre o programa Bolsa Família. O vice-presidente da República está internado e Lula irá visitá-lo. O editor logo pergunta se ele morre. Do outro lado, o jornalista responde que seu quadro é estável, sem riscos. Está na pauta uma matéria sobre a obrigatoriedade de que todos os produtos com ingredientes transgênicos sejam identificados nos rótulos a partir de hoje. Bonner comenta a matéria. Diz que o público do *JN* não sabe o que é transgênico, que o jornal tem de explicar, ser didático e que esta questão é controversa. Na pauta está outra sugestão de matéria sobre os números do PIB que o governo Lula divulgará. Bonner pede para o repórter ouvir um economista de “notório saber”. Explica para mim que quer alguém que fale bem e não seja imberbe. Alguém com imagem de seriedade e conhecimento, concluo. Lembro da expressão de P. Bourdieu (1987, p. 41) referente aos “falantes obrigatórios”. São as pessoas chamadas com frequência para falar na televisão, dar sua opinião, comentar um acontecimento. Eles estariam sempre disponíveis e seriam os “habitués da mídia”. Em seguida, o grupo discute uma reportagem sobre a precariedade do equipamento dos bombeiros. Bonner brinca que “jornalista adora fogo” e se refere ao incêndio que ocorreu em um prédio no centro do Rio. Comenta que não houve mortes e que fazer uma matéria dessas só em um dia tranquilo para poder pedir matérias para as praças do país. Um dos últimos temas a serem discutidos é levantado pelo editor de Esporte: o jogo do tenista Guga em Costa do Saúpe, que será transmitido pela **TV Record**. Bonner afirma que vai

saber com a direção como agir e que “não pode ignorar” o jogo. Tem que saber até onde pode ir e pergunta se o jogo é antes ou depois do *JN*. Para terminar, diz que quer uma matéria leve para fechar o jornal. Conversam sobre outros assuntos, programas de televisão e às 11:30h está encerrada a reunião.

A equipe de produção dará o retorno para as praças que não participaram da reunião, dizendo quais as matérias que foram selecionadas para entrar na edição daquela noite. Bonner me chama para ver uma matéria sobre uma festa em uma aldeia indígena em Cuiabá. Diz que gostou da matéria e brinca que ela vai entrar em minha homenagem, porque sou antropóloga. Mas comenta que não gosta de “índio vestido e de chinelo” A seu ver, perde a identidade. Comento sobre os estereótipos e as imagens que se constroem de diversas categorias.

Depois do almoço, voltamos para a redação. Logo começará a reunião de pauta, na mesma sala, da qual participarão cerca de 12 editores como os de economia, política, cidade, esportes, internacional, arte, GloboNews e a editora e apresentadora Fátima Bernardes.

A reunião tem o mesmo clima descontraído do encontro da manhã, apenas é mais barulhenta. Antes de começar Bonner me apresenta a todos. Há muitas brincadeiras e piadas com as matérias, como aquela com a jovem israelense que levou um tiro em Recife onde foi passar o carnaval. Os comentários são de “humor negro” sobre o fato de ela ter saído de um país violento e não ter querido vir ao Rio com medo da violência. Em seguida Bonner chama a atenção para o fato de ontem terem desejado “ser independentes em relação ao governo e fomos impiedosos, hoje vamos aliviar. Ontem tivemos um momento Folha de São Paulo” diz, ironizando o aspecto crítico do jornal paulista. Ele volta ao assunto Guga e diz que é honesto e ignora o fato - no caso o jogo e o encontro com a tenista Maria Ester Bueno. E afirma que se Guga sofre um acidente, “nós damos”. Em seguida faz comentários sobre o Ministro da Saúde, referindo-se ao escândalo do transplante de medula, dizendo que ele é honesto e imita seu sotaque pernambucano. No meio da conversa solta um palavrão. Me olha, pede desculpas e brinca dizendo que, como estou lá desde cedo, já tem intimidade para isso. Vários editores perguntam sobre as reportagens e fazem comentários. Em seguida Bonner fala da matéria sobre a festa na aldeia indígena e diz: “não gosto de índio”. Imediatamente se corrige e diz: “pelo amor de Deus, professora, eu não gosto de matéria de índio”; e fala para os editores que “descobriu” que sou antropóloga... Em seguida pergunta se gostei do VT e se acho que ele deve entrar no *JN*. Sorriu e ele diz que “o chato é que

eles estão vestidos”. Mais algumas brincadeiras, perguntas e a reunião é encerrada. Ficam alguns editores para a reunião sobre a pauta do jornal do dia seguinte, sábado. A reunião é bem mais curta e começa com um comentário sobre o erro na matéria da véspera referente a transplante de medula. Bonner diz que se deve fazer uma nova matéria e dentro dela dizer “nós erramos”. “É um mico corrigir, já errou.” São discutidas matérias sobre o aniversário da cidade do Rio, a Festa da Uva e uma festa portuguesa, entre outras. Terminada a reunião Bonner comenta que o dia está estressante e o jornal está estourado no tempo.

Quando retornamos à redação esta já está bem mais cheia, mais barulhenta, mais movimentada e as luzes estão sendo testadas. Está se aproximando o *dead line* do fechamento do jornal e cresce a tensão, como analisei em meu trabalho sobre os jornalistas (TRAVANCAS, 1993). A mesa onde é apresentado o *JN* fica na mesma sala, em um jirau bem visível. O diretor de jornalismo, Ali Kamel, está na redação e discute com Bonner – que está sentado escrevendo um texto - os assuntos do telejornal. Volta e meia, Bonner é interrompido pela subeditora que pergunta alguma coisa. Um editor traz a fita com a matéria sobre o programa Bolsa Família para ele, que me chama para vê-la, juntos. Não gosta e diz que parece *press release*, onde o entrevistado fala olhando para a câmera e não para o repórter. A matéria não entra no jornal. Bonner pede para ela ser refeita e entrar no jornal de sábado, depois sai da redação e volta logo em seguida já pronto para apresentar o jornal. Até o último minuto discute e avalia o que entrará no jornal. Começa mais uma edição do *Jornal Nacional*.

A ideia aqui é trazer uma descrição das rotinas dos jornalistas de veículos diferentes buscando encontrar semelhanças e diferenças. A metodologia utilizada – a etnografia – tem como objetivo investigar, através de entrevistas, observação participante e trabalho de campo, como funciona a cabeça de um jornalista. Tento avaliar o que permanece presente nos anos 2000 como norteador dessa prática. Não se trata de uma análise conclusiva, nem definitiva, uma vez que esse artigo descreve apenas um dia na vida de dois profissionais da imprensa.

Discutindo o conceito de notícia

O pesquisador inglês Stuart Hall (1980, in WOLF, 2004, p. 121) afirma que a cultura não é uma prática nem simplesmente uma descrição dos hábitos e costumes de uma sociedade. Ela aparece através de todas as práticas sociais e das suas inter-relações. Neste sentido, os meios de comunicação de massa têm uma função importante e atuam como

elemento ativo de elaborações coletivas. Ainda que muitas vezes os jornais e os jornalistas sejam considerados fontes secundárias para o estudo de nossas sociedades complexas, penso que eles são uma chave na produção cotidiana de representações coletivas. E como destaca Sara Dickey (1997, p. 1) em seu artigo “La antropologia y sus contribuciones al estudio de los medios de comunicacion” o que está em questão é a potência que estas representações têm na construção de imaginários, identidades e relações de poder. E, sem querer endossar a perspectiva da chamada “Teoria Crítica” ou “Escola de Frankfurt”, da qual T. Adorno e M. Horkheimer (1985) são expressivos representantes, creio que a mídia contribui na formação de subjetividades e no nosso próprio entendimento da realidade.

Neste trabalho procurei acompanhar e descrever a construção da notícia nas mídias impressa e televisiva. A meu ver, a notícia é um produto das complexas interações que constituem a vida social. Dentro de um amplo universo de fatos ocorridos, os jornalistas estabelecem critérios que determinarão quais destes fatos serão vistos como notícias e, conseqüentemente, divulgados. No tempo e no espaço, ao longo da história da própria imprensa, estas definições vêm se transformando, mas continuam sendo concepções simbólicas socialmente construídas. A notícia estará sempre ancorada em um critério de classificação, em uma taxonomia que os jornalistas compartilham, da mesma forma que seus leitores, ouvintes e telespectadores.

Estabelece-se uma relação, um contrato, muitas vezes denominado “contrato de leitura”, para usar o termo de Eliseo Verón (1980), entre o veículo e seu público. Está implícito que o público concorda ou pelo menos aceita o filtro seletivo realizado diariamente pelos jornalistas, filtro que produz um modo de leitura da realidade social.

Este público não se dá conta do que ficou fora do seu noticiário e de como o que entrou foi selecionado. Ele dá ao jornalista “carta branca” para, a partir de seus critérios e hierarquias, selecionar as informações que ele precisa ou deseja saber. Para isso foram criados os valores-notícias. São critérios para se selecionar dentro do material disponível na redação o que deve ser incluído na edição final, e funcionam também como guia, sugerindo o que deve ser enfatizado e o que deve ser omitido na apresentação da notícia. Os valores-notícias ajudam a entender um pouco a velocidade e a superficialidade com que os jornalistas decidem o que merece ser abordado e o que ficará de fora. Alguns autores chegam a dizer que notícia é aquilo que os jornalistas definiram como tal. Entretanto, o que me parece importante destacar dentro desta lógica cotidiana dos

jornais é como esta seleção, baseada nas chamadas “rotinas produtivas”, é necessária para a sobrevivência das empresas jornalísticas. Foi preciso criar regras e critérios que possibilitassem lidar com a grande quantidade de acontecimentos imprevistos. A seleção é uma resposta prática ao fluxo ininterrupto e abundante de acontecimentos. Como destaca Gans (1979, in WOLF 2004, p. 224): “La selección de las noticias es un proceso decisional y de opción realizado rápidamente [...] Los criterios deben ser aplicables fácil y rápidamente, de forma que puedan tomarse decisiones sin reflexionar demasiado”. E isso, sem dúvida, exige um consenso entre os jornalistas sobre estas escolhas e também uma situação hierárquica clara onde os que têm mais poder impõem seus pontos de vista.

Aqui me parece evidente o quanto este processo de seleção de notícias em tempo curto está presente nos dois veículos, independente das décadas que os separam assim como das inovações tecnológicas que os distinguem. É essa possibilidade de aplicar rapidamente os critérios que definem o que é notícia e, em um segundo momento, o que sendo notícia deve entrar no jornal, que constitui a visão de mundo dos jornalistas. E ousaria afirmar que esse elemento os aproxima independentemente do tempo e do lugar. É preciso que haja um consenso implícito, que tenha se estabelecido um acordo tácito entre os jornalistas de uma redação para que o jornal possa ser produzido a tempo.

O *Jornal Nacional* estaria produzindo um “jornalismo de entretenimento” tal como o entende Cristina Ponte (2004, p. 119); um jornalismo que considera importante as notícias que dão interpretações de um acontecimento baseadas no “interesse humano” dentro da perspectiva do inusual ou insólito; um jornalismo que, mais do que informação, busca fatos que envolvam gente comum em situações estranhas, a vida privada de pessoas notórias ou situações excepcionais ou heróicas.

Lembro aqui de um comentário feito por Bonner no final do dia em que estive acompanhando a produção do *JN*. Ele abordou alguns trabalhos acadêmicos de pesquisadores que, como eu, passaram o dia na redação e observaram as rotinas do jornal: “Eles falam mal do jornal, criticam muito. Você também vai fazer isso”. Fiquei pensando o quanto estes dois mundos - o jornalístico e o acadêmico - são distantes e têm poucas relações de troca. E cito um trecho de Golding-Elliott (in WOLF, 2004, p. 218) abordando esta relação: “o que o sociólogo descreve como uma consequência inevitável da organização produtiva, o jornalista entende como uma acusação de manipulação ou de incompetência”².

Percebo então que estes valores-notícias vão sendo naturalizados pelos jornalistas em seus cotidianos profissionais e acabam operando

como estruturas ocultas que exigem destes um conhecimento consensual sobre o mundo. Isso implica na noção de que o jornalista tem um “sexto sentido”, um “faro para a notícia”, noção esta que se aproxima da ideia de notícia como algo raro e de interesse humano. Esta ideia, porém, não evidencia as distintas dimensões culturais e ideológicas que permeiam as notícias, nem as relações de poder que estas muitas vezes ocultam.

Sabemos, portanto que o jornalismo produz discursos em condições particulares e estas não são nem cultural, nem socialmente neutras, ainda que nem sempre os jornalistas enfatizem este aspecto. Para o jornalismo a objetividade, junto com a clareza e a concisão, são regras imprescindíveis da notícia. Por mais que os manuais de redação afirmem que a objetividade perdeu seu peso, ela não foi descartada e continua a ser uma meta. É o caso do *Manual da Redação da Folha de S. Paulo* (2001, p. 28) que declara:

Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. Para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a forma, as circunstâncias e as repercussões, o jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse.

Com a transformação dos jornais em empresas cujo principal produto é a notícia, houve uma tentativa de padronizar os textos produzidos dentro das redações. O *lead* criado pela imprensa norte-americana teve como objetivo atender ao leitor moderno e apressado que precisa obter o maior número de informações no menor tempo possível. É exigido do jornalista que ele seja capaz de criar e inovar a partir da fórmula do *lead*, respondendo com eficiência às perguntas fundamentais sobre o fato noticiado. Muitos jornais ainda seguem este padrão até hoje. Outros abriram espaço para modelos diversos, misturando fórmulas e criando áreas de maior individualização e maior subjetividade, como é o caso das colunas assinadas. Discuti este tema (TRAVANCAS, 2001) no artigo “A coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico”, no qual afirmo que as colunas assinadas são ainda um território preservado onde as subjetividades, opiniões e personalidades podem se manifestar livremente. Para o prazer do leitor e com o consentimento do jornal.

Ao analisar a cobertura dos jornais franceses *Le Monde* e *Libération* da campanha pelas eleições diretas em 1984 (TRAVANCAS, 1985), pude perceber que as descrições que os jornais franceses fazem da cena política brasileira – em particular o movimento pelas “Diretas

Já” – são expressão de determinadas concepções de política correntes naquela sociedade. Ou seja, não é à toa que o título de um dos editoriais do **Libération** de apoio à campanha foi “*Le degré zero de la démocratie*”. O grau zero da democracia, ponto de partida de qualquer sociedade para conquistar a democracia, na visão francesa é a realização de eleições livres e diretas para presidente. É como se fosse impossível para a imprensa pensar em um país – a França por exemplo –, sem a sua República, sua liberdade, igualdade, fraternidade.

Esta perspectiva observada nos jornais franceses se aproxima da ideia de etnocentrismo de T. Todorov (1993, p. 21-2), para quem o etnocentrismo “consiste em, de maneira indevida, erigir como valores universais os valores próprios à sociedade a que pertencço”. Isso implica em que o etnocêntrico parta do particular e decida generalizá-lo por ser este familiar e presente em sua cultura. Neste sentido, a democracia para os jornais franceses se tornou um valor universal para todas as sociedades e como tal uma meta a ser atingida.

A maneira específica como um jornal vê, descreve e classifica os acontecimentos políticos é um importante ponto de partida para entendê-lo. São inúmeras as reportagens que associaram o movimento “Diretas Já” à festa e à música, mostrando ambas como características brasileiras, mas não apenas isto. Destas, o lado exótico é o maior atrativo para o público francês, como fica claro em um trecho de uma grande matéria publicada no *Monde* de 25 de abril de 1984. Neste texto, o correspondente descreve detalhadamente a “festa” que começou muito bem, a seu ver, com massas humanas cantando, dançando e desfilando nas ruas, com jovens de biquínis com *slogans* das “Diretas Já” e grandes nomes da música popular brasileira. “No país da macumba exorcizou-se aquele que não quer as eleições diretas como expulsa-se pelo transe o Demônio. Circulou nos desfiles um dragão de papelão – o monstro das indiretas.”

A leitura que é feita da campanha e do processo político em curso naquele momento é a via da festa e da macumba. Não quero negar que houve uma bem-sucedida associação entre política e carnaval, eleições e música durante a campanha política. Mas certamente há uma busca do exótico nesta descrição do movimento.

O historiador R. Darnton (1990: p. 70-97), em seu artigo “Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica”, fala de sua breve experiência como repórter do *The New York Times* e analisa a construção da notícia, as especificidades do trabalho dos jornalistas e o papel do correspondente do jornal. Darnton salienta que o *NYT* a cada três anos

transfere os seus correspondentes de local. O jornal acredita que haja uma tendência de seus correspondentes estrangeiros a desenvolverem uma visão favorável ao país onde moram. Há uma preocupação importante por trás desta estratégia. O jornal, entendido como uma construção da realidade, como um “mapa” do mundo para seus leitores, deve estar sintonizado com os interesses, objetivos e perspectivas do seu público.

Os jornalistas têm um papel importante na construção da notícia, não apenas por serem seus produtores, mas por serem capazes de decodificar o mundo para seus leitores a partir da lógica da notícia, dos critérios editoriais dos veículos nos quais trabalham e de suas visões de mundo.

Considerações finais

As finalidades da imprensa são informar, opinar, prestar serviços, divertir e mediar, entre outras. O que se pode perceber ao longo da análise das rotinas dos jornalistas em duas áreas diferentes – jornalismo impresso e jornalismo televisivo – e em dois momentos distintos - anos 1990 e 2000 - é o quanto essas finalidades variam de importância em função dos veículos. O *JN*, que no discurso de seu editor-chefe e apresentador, William Bonner, busca trazer para o telespectador “aquilo que de mais importante se deu no Brasil e no mundo naquele dia”, nem sempre cumpre essa regra. Seus repórteres e editores estão preocupados em seu dia a dia com a imagem em primeiro lugar. Reportagens “caem” se não tiverem boas imagens, como pude ver de perto na pesquisa. Questões internas e da própria empresa atravessam as rotinas como é o caso do jogo de tênis de Guga, que não será notícia porque não será televisionado pela empresa. Mas se a imagem não tem a importância que tem na televisão, isso não quer dizer que os jornais sejam constituídos apenas de textos. A relação entre texto e imagem é distinta e certamente menos igualitária. O texto é o carro-chefe dos jornais. Há reportagens sem imagens, ainda que não seja o desejável. E, na grande maioria das saídas para apuração, o fotógrafo está um pouco a reboque do repórter. E se a foto sair ruim, não implicará na exclusão da matéria.

A ideia de entretenimento aparece com mais força no jornalismo televisivo. A última matéria do telejornal é sempre mais “leve”, são as *soft news*, matérias que não devem chocar, polemizar ou desagradar o telespectador. É a que antecede ao “Boa noite” dos apresentadores. Durante um dia de etnografia na redação do *JN*, um turista australiano tirou a roupa no Corcovado e foi notícia do jornal. Concordo com a perspectiva de Ponte (2004) de que o que está sendo produzido, neste

caso, é um “jornalismo de entretenimento”, ao qual já me referi antes. Certamente esse tipo de jornalismo não é exclusivo da televisão, mas nela ele ganha mais destaque e espaço.

Por outro lado, os interesses da empresa, de alguma forma, também atravessam as práticas jornalísticas. Ainda que isso não seja desejável, como salienta Eugenio Bucci (2001) ao falar da ética na imprensa. A seu ver, seria fundamental a separação do que se intitula método “Igreja-Estado”. Este método consiste em definir e delimitar claramente as fronteiras e os limites entre as áreas comercial e editorial das empresas jornalísticas. E também nos jornais a etnografia realizada com os repórteres e a observação da redação mostrou o quanto esta fronteira muitas vezes é tênue e matérias são pautadas em função de interesses da empresa.

Acredito que uma das semelhanças entre as práticas profissionais dos repórteres e editores das duas mídias tem relação estreita não só com os valores-notícia aqui discutidos, mas com a percepção de si e da profissão destes dois grupos. Ser jornalista certamente é apurar a informação para todos, mas é principalmente tornar essa procura algo vital. Nesse aspecto o tempo parece não ter passado para os jornalistas. Se em 1990 pude perceber que a sua relação com a profissão era de adesão, definindo um estilo de vida e uma visão de mundo, isso não parece ter mudado 10 anos depois. Os jornalistas continuam tendo rotinas estressantes, intensas, imprevisíveis, mesmo com a entrada em cena dos computadores e das novas tecnologias. As próprias tecnologias, em certo aspecto, não “aliviaram” o trabalho dos repórteres, como é o caso do celular e da internet. Ao contrário, ele pode ser localizado em qualquer lugar e pode transmitir informações a todo hora em tempo “real” sem maiores dificuldades. Isso na realidade vai exigir uma performance mais engajada e conectada do que antes. O jornalista, hoje, precisa ser um profissional de múltiplas habilidades. E nem na pesquisa dos anos 90, nem na de 2000, estava presente a questão da convergência midiática. Muitos profissionais hoje são obrigados a produzir conteúdo para mídias distintas, fazendo inclusive o papel de fotógrafo ou cinegrafista, graças às novas tecnologias.

Procurei neste artigo discutir as práticas jornalísticas em duas mídias e em dois momentos e pude perceber que muita coisa mudou em termos de inovações tecnológicas. Por outro lado, se as rotinas dos jornais e das televisões apresentam particularidades, suas distinções, a meu ver, continuam sendo mais de grau do que de essência.

| NOTAS

- 1 Uma versão reduzida deste artigo fez parte da programação do Working Group: Media Production Analysis do IAMCR 2010, realizado em Braga, Portugal, em julho de 2010.
- 2 Tradução livre da autora.

| BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1999.
- CHARLE, C. **Naissance des intellectuels**. Paris: Minuit, 1990.
- DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DICKEY, S. La antropologia y sus contribuciones al estudio de los medios de comunicacion. In: **Revista Internacional de Ciências Sociais**, UNESCO 153: 1-23, 1997. Disponível em: <www.unesco.org/issj/rics153/dickeysa.html>. Acessado em 15 dez. 2010.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação**: Folha de S. Paulo. São Paulo: PubliFolha, 2001.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KOTSCHO, R. **A prática de reportagem**. São Paulo: Ática, 1986.
- PONTE, C. **Leituras das notícias** - contributos para uma análise do discurso jornalístico. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- SPITULNIK, D. Anthropology and mass media. In: **Annual Review of Anthropology**, n. 22, p. 293-314, 1993.
- TODOROV, T. **Nós e os outros** - a reflexão francesa sobre a diversidade humana - I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993.
- TRAVANCAS, I. **O Brasil na imprensa francesa e brasileira**. PUC-Rio: 1985. Monografia. Mimeo.
- _____. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.
- _____. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- _____. A coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico. In:

Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: XXIV, n.1, p. 109- 122, jan./jun. 2001.

_____. **Juventude e televisão.** Rio de Janeiro: FGV, 2007.

VELHO, G. e KUSCHNIR, K. (Orgs.). **Mediação, Cultura e Política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VERON, E. **A produção de sentido.** São Paulo: Cultrix, 1980.

WOLF, M. **La investigación de la comunicación de masas.** Buenos Aires: Paidós, 2004.

Isabel Travancas é professora-adjunta da Escola de Comunicação da UFRJ. É jornalista, mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional-UFRJ e doutora em Literatura Comparada pela UERJ. É autora dos livros: *O mundo dos jornalistas* (Summus Editorial, 1993), *O livro no jornal* (Ateliê Editorial, 2001) e *Juventude e televisão* (FGV, 2007).